

DF - Brasília

EB 15/06/09

Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO // severinofrancisco.df@diariosassociados.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

A POLÊMICA DA IGREJINHA

Estive na Igrejinha da 307/308 Sul para ver, ao vivo, o trabalho realizado pelo artista plástico Galeno, que vem provocando tanta polêmica. A Igrejinha estava fechada, mas, ainda assim, pude apreciar as intervenções do Galeno pelas frestas de uma grade de madeira que protegia o local. A impressão mais forte é a de uma luminosidade intensa irradiada pela imagem da santa e as figuras de colunas, pipas e flores, nas paredes laterais, em tonalidade azul, representando o êxtase das crianças com a visão

de Nossa Senhora de Fátima. Pelo que vi das fotos do antigo painel de Volpi, destruído por um padre insatisfeito com a figuração abstrata dos símbolos do catolicismo, me parece que a intervenção de Galeno retoma o mesmo espírito festivo que animou a obra do mestre construtivista.

Sem pretender dar a palavra final no debate, gostaria de discutir algumas questões levantadas. A mais delicada diz respeito ao duplo caráter de arte e símbolo religioso, arte e objeto de culto, arte e objeto devocional, das obras incorporadas à Igrejinha. Alguns fiéis alegam que a intervenção modernista de Galeno imprimiu ao templo um clima profano de festa de São João, bumba meu boi ou carnaval, pouco recomendável a um

espaço sagrado. Mas, neste aspecto, não me parece que haja motivo para nenhum escândalo. Em suas lapinhas de Natal, esculturas e pinturas, o povo brasileiro recria, com toda a liberdade, os personagens e cenas do imaginário católico, aplicando cores exuberantes, em um culto festivo, alegre e bem-humorado. No ano passado, comprei no Museu de Arte Naif do Rio de Janeiro a imagem de uma Nossa Senhora Aparecida, negra, sem rosto e envolvida em uma festa de cores. Nem por isso, essas imagens merecem menos respeito ou devoção religiosa.

Bem, um outro argumento contra a arte de Galeno é o de que ele usaria formas abstratas para representar os símbolos religiosos da tradição católica. Se

a alegação for pertinente, então será preciso passar uma mão de tinta em todas as intervenções de arte-arquitetura de Athos Bulcão na Capelinha do Palácio da Alvorada, na Catedral de Brasília ou na própria Igrejinha da 307 Sul, onde ele usou a pomba, de forma abstratizada.

A Igrejinha não é um santuário renascentista ou gótico; é um templo modernista. Não faria sentido colocar naquele espaço anjos medievais. Os modernistas representaram os temas religiosos, mas quiseram humanizar os santos, trazê-los para mais perto dos mortais. Uma frequentadora da Igrejinha afirma ter viajado por muitos pontos do mundo e não ter visto nada de igual. Em parte, ela tem razão; não encontrou nada

de parecido porque Brasília teve mesmo esta pretensão de ser uma cidade inovadora em plano internacional, de inaugurar um novo modelo de relação entre arquitetura e arte. É por isso que a cidade foi tombada como Patrimônio Cultural da Humanidade.

A decisão do Iphan de convidar Galeno foi acertadíssima, pois ele é o legítimo herdeiro da tradição construtivista de Volpi e Athos Bulcão. Mas ele também não precisa ficar agastado com o diálogo ou a polêmica. A interação ou o embate podem contribuir para a lucidez de suas decisões. Que Nossa Senhora de Fátima nos ilumine, concedendo tolerância, discernimento e, sobretudo, nos livrando do obscurantismo.